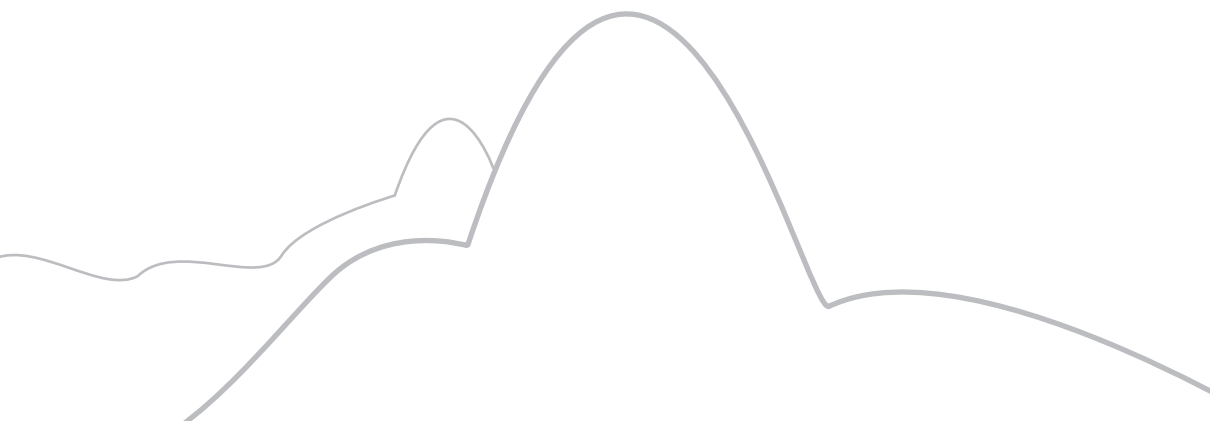




A carteira



Projeto gráfico, ilustração e capa

Marcos Vieira

Texto

Machado de Assis (Contos Fluminenses 2º volume)

Agradecimentos

Elianne Jobim e Noni Geiger

Apresentação

Publicado originalmente em “A Estação” (1884) e posteriormente reunido no segundo volume do livro *Contos Fluminenses*, o conto “A carteira” gira em torno do conflito moral do personagem Honório em devolver ou não uma carteira recheada de dinheiro que ele encontrara na rua. Por estar muito endividado, é reforçado o desejo de cometer o ato ilícito e usufruir de algo que não é seu. Porém, descobre que o objeto achado é de um amigo.

Este livro faz parte da coleção “Contos de Machado de Assis”, que traz a genialidade do *bruxo do Cosme Velho*, como era conhecido Machado, em páginas cuidadosamente ilustradas com o objetivo de tornar a leitura mais divertida, combinada com toda riqueza literária do autor. É uma mescla interessante de diversão e cultura.

Boa leitura e divirta-se!



Machado de Assis

- 1839** Joaquim Maria Machado de Assis nasce no Rio de Janeiro a 21 de junho.
- 1855** Publica seu primeiro trabalho, a poesia “A palmeira”, na Marmota Fluminense.
- 1858** Começa intensa colaboração em vários jornais e revistas que, com algumas interrupções breves, manterá pela vida toda.
- 1864** Publica seu primeiro livro: Crisálidas (poesias).
- 1867** É nomeado para o cargo de ajudante do diretor do Diário Oficial.
- 1869** Casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais.
- 1873** É nomeado primeiro oficial da secretaria do Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.
- 1878/9** Passa uma temporada em Friburgo, por motivo de doença.
- 1881** Oficial de Gabinete de Pedro Luís, ministro da Agricultura.
- 1888** Oficial da Ordem da Rosa, por decreto do Imperador.
- 1889** Diretor da Diretoria do Comércio.
- 1892** Diretor geral do Ministério da Viação.
- 1897** É eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada no ano anterior.
- 1904** Membro correspondente da Academia das Ciências, de Lisboa. Morre sua esposa, Carolina.
- 1908** Licença para tratamento de saúde (junho). Falece no Rio de Janeiro, a 29 de setembro.

Obras de Machado de Assis

Poesias

Crisálidas (1864), Faleas (1870), Americanas (1875), Gazeta de Holanda (1886-88), Ocidentais (1901), O Almada (1908), Dispersas (1854-1939).

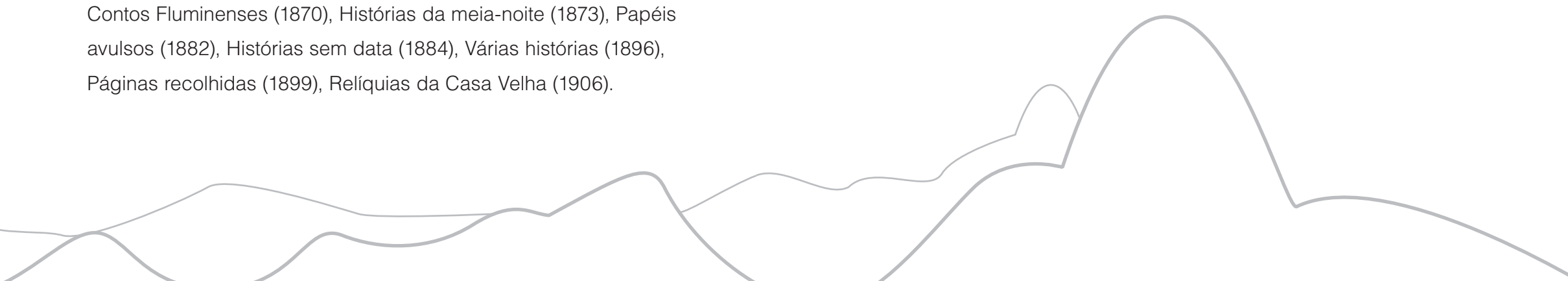
Romance

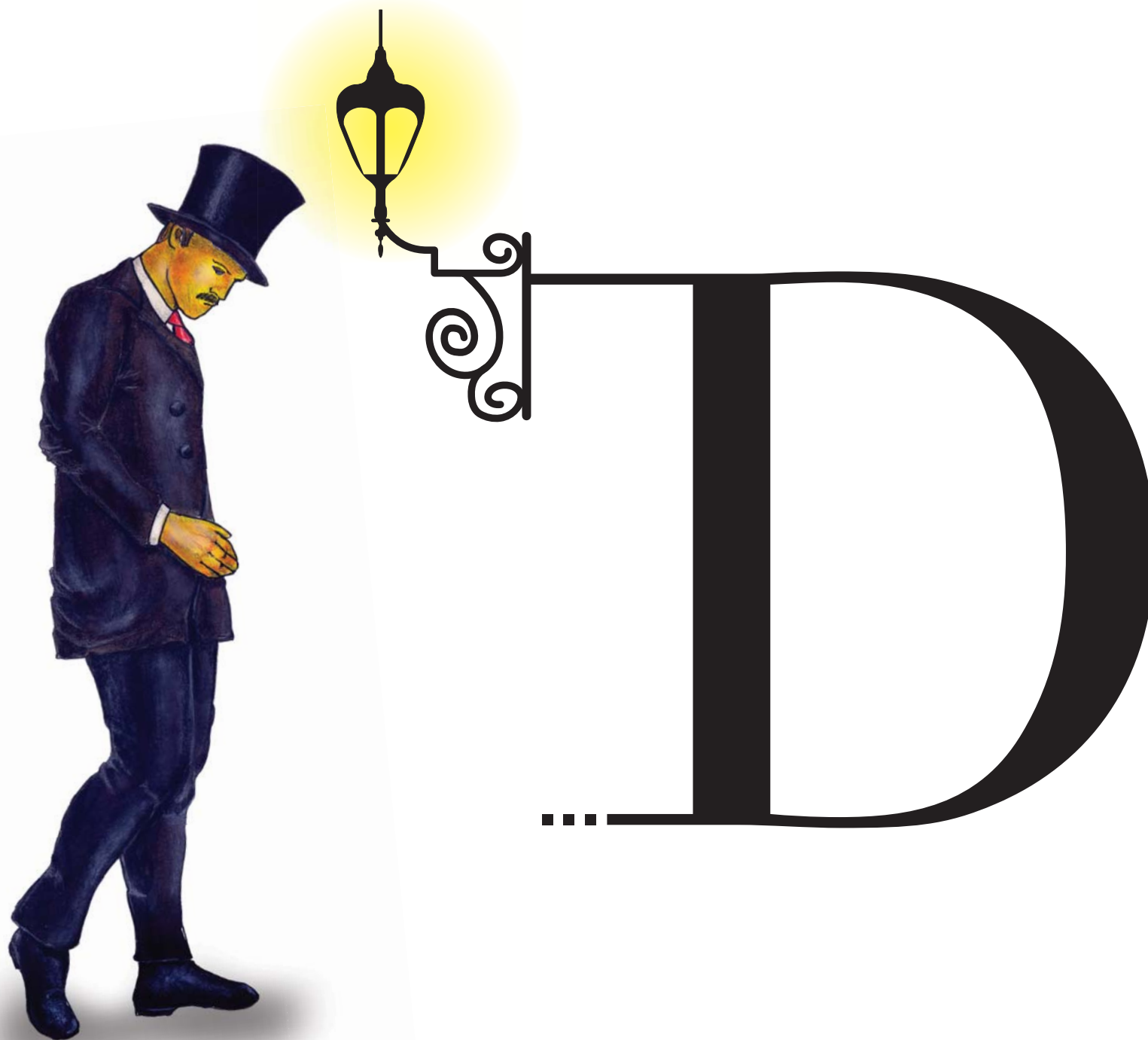
Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876), Iaiá Garcia (1878), Memórias póstumas de Brás Cubas (1881), Casa Velha (1885), Quincas Borba (1891), Dom Casmurro (1899), Esaú e Jacó (1904), Memorial de Aires (1908).

Contos

Contos Fluminenses (1870), Histórias da meia-noite (1873), Papéis avulsos (1882), Histórias sem data (1884), Várias histórias (1896), Páginas recolhidas (1899), Relíquias da Casa Velha (1906).

A carteira





E REPENTE,

Honório olhou para o chão...

... e viu uma **carteira**.



Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la
foi obra de alguns instantes.
Ninguém o viu, salvo um homem que
estava à porta de uma loja, e que, sem
o conhecer, lhe disse rindo:

-- Olhe, se não dá por ela;
perdia-a de uma vez.

-- É verdade,
concordou Honório envergonhado.



Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida,

quatrocentos e tantos mil-réis,
e a carteira trazia o bojo recheado.

A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores.

Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro.

Endividou-se.

Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

-- Tu agora vais bem, não?

dizia-lhe ultimamente o Gustavo C...,
advogado e familiar da casa.

-- Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma coisa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.



Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia

tocava muito bem ao piano,

e que o Gustavo escutava com indizível prazer,

ou jogavam cartas,

ou simplesmente falavam de política.

D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades.



Um dia, a mulher foi achá-lo

dando muitos beijos à filha,

criança de quatro anos, e viu-lhe
os olhos molhados; ficou espantada,
e perguntou-lhe o que era.

-- Nada, nada.



Compreende-se que era o medo do futuro e o horror
da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade.
A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe
conforto para a luta. Estava com, trinta e quatro anos;
era o princípio da carreira: todos os princípios
são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar,
pedir fiado ou: emprestado, para pagar mal,
e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos
quatrocentos e tantos mil-réis de carros.
Nunca demorou tanto a conta, nem ela
cresceu tanto, como agora; e, a rigor,
o credor não lhe punha a faca aos peitos;
mas disse-lhe hoje uma palavra azeda,
com um gesto mau, e Honório quer
pagar-lhe hoje mesmo.

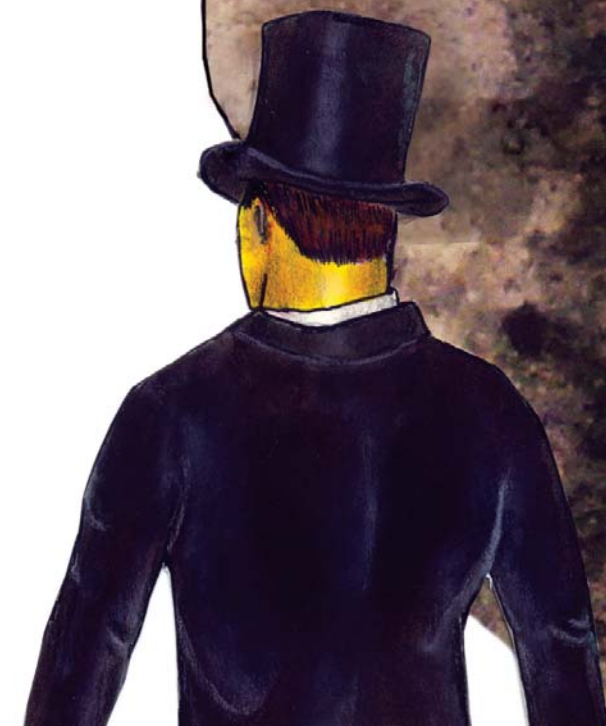
Eram cinco horas da tarde.

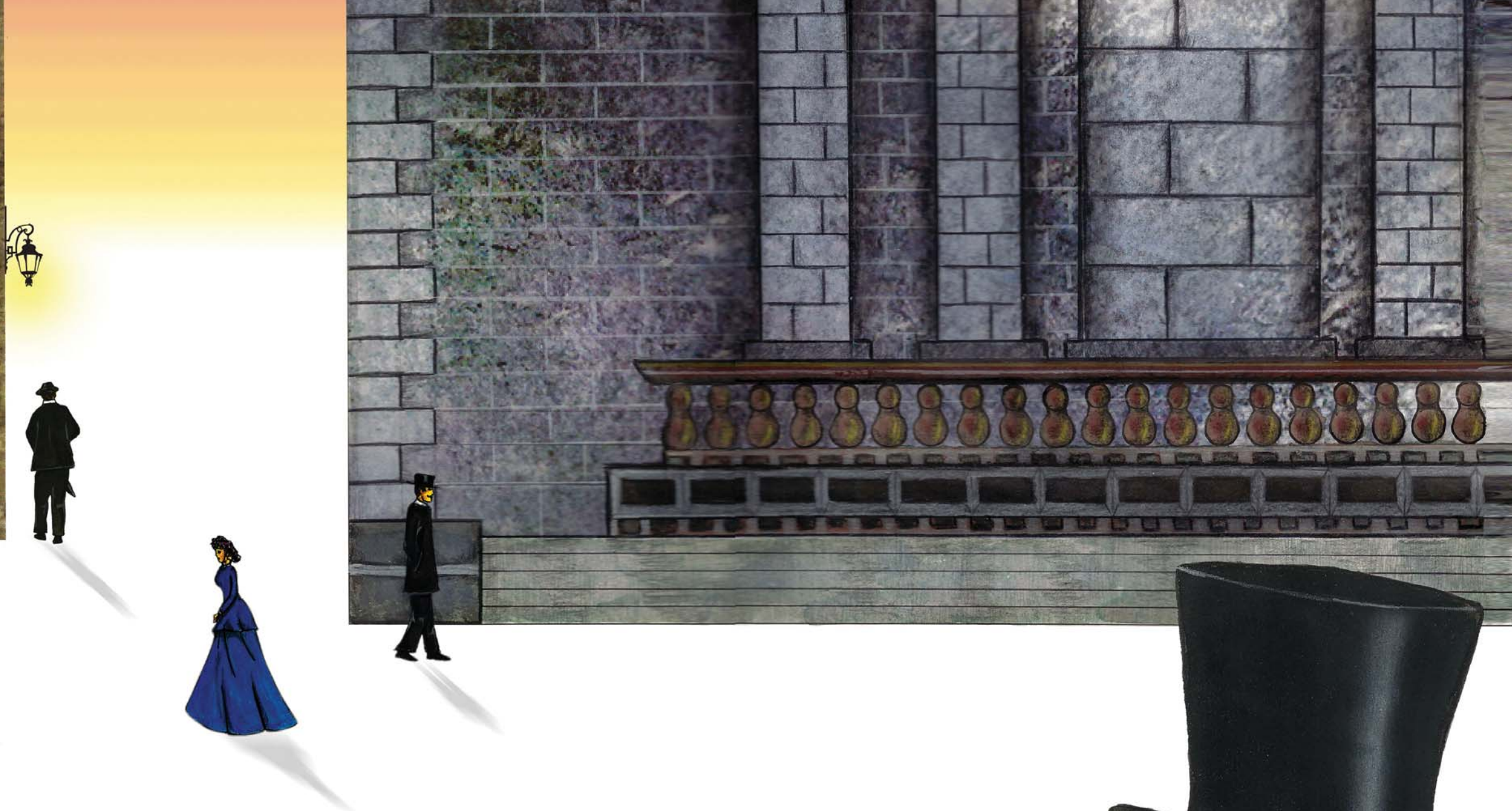
Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada.



Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando. Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando,

até o Largo da Carioca.

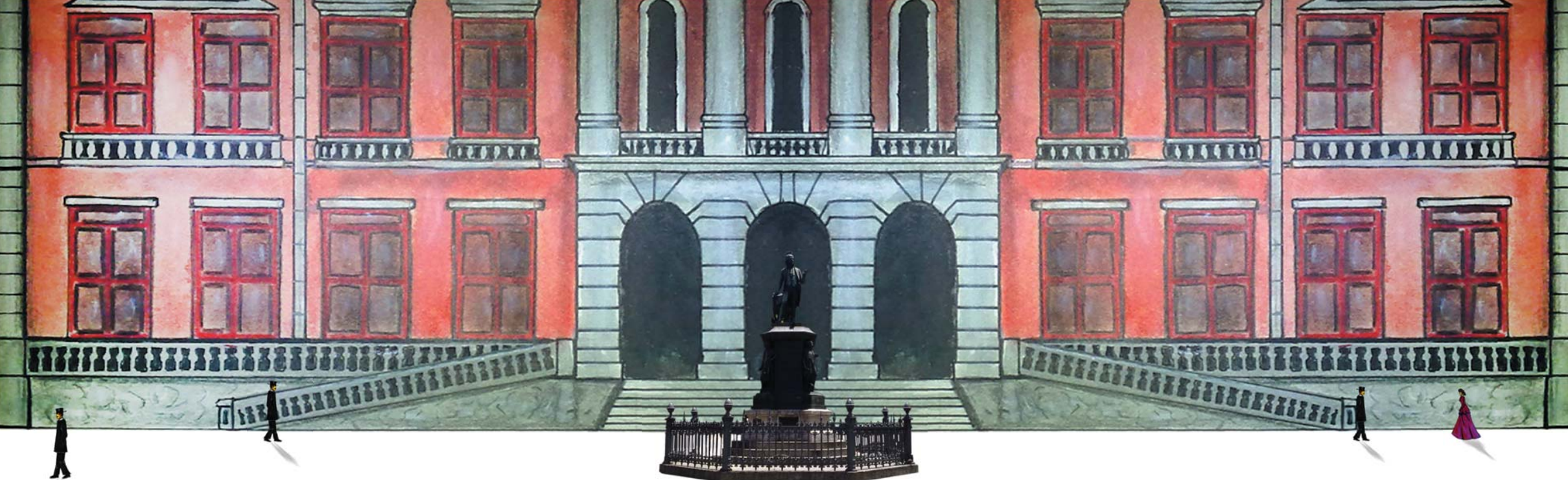




No Largo parou alguns instantes,

-- enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo,
e entrou na Rua Uruguaiana.





em saber como, achou-se daí a pouco no

Largo de S. Francisco de Paula;

e ainda, sem saber como, entrou em um Café.

Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse.

Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura.

Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?



Eis o ponto.

A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira.



Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira.

Tirou-a do bolso,

finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo.

Tinha dinheiro, muito dinheiro;

não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil-réis ou mais; quando menos, seiscentos.

Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo.

Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a,
com vontade de contar o dinheiro.

Contar para quê? era dele? Afinal venceu-se e contou:
eram setecentos e trinta mil-réis.

Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube;
podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo...

Honório teve pena de não crer nos anjos...

Mas por que não havia de crer neles?

E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois,
resolvia o contrário, não usar do achado, restitui-lo.

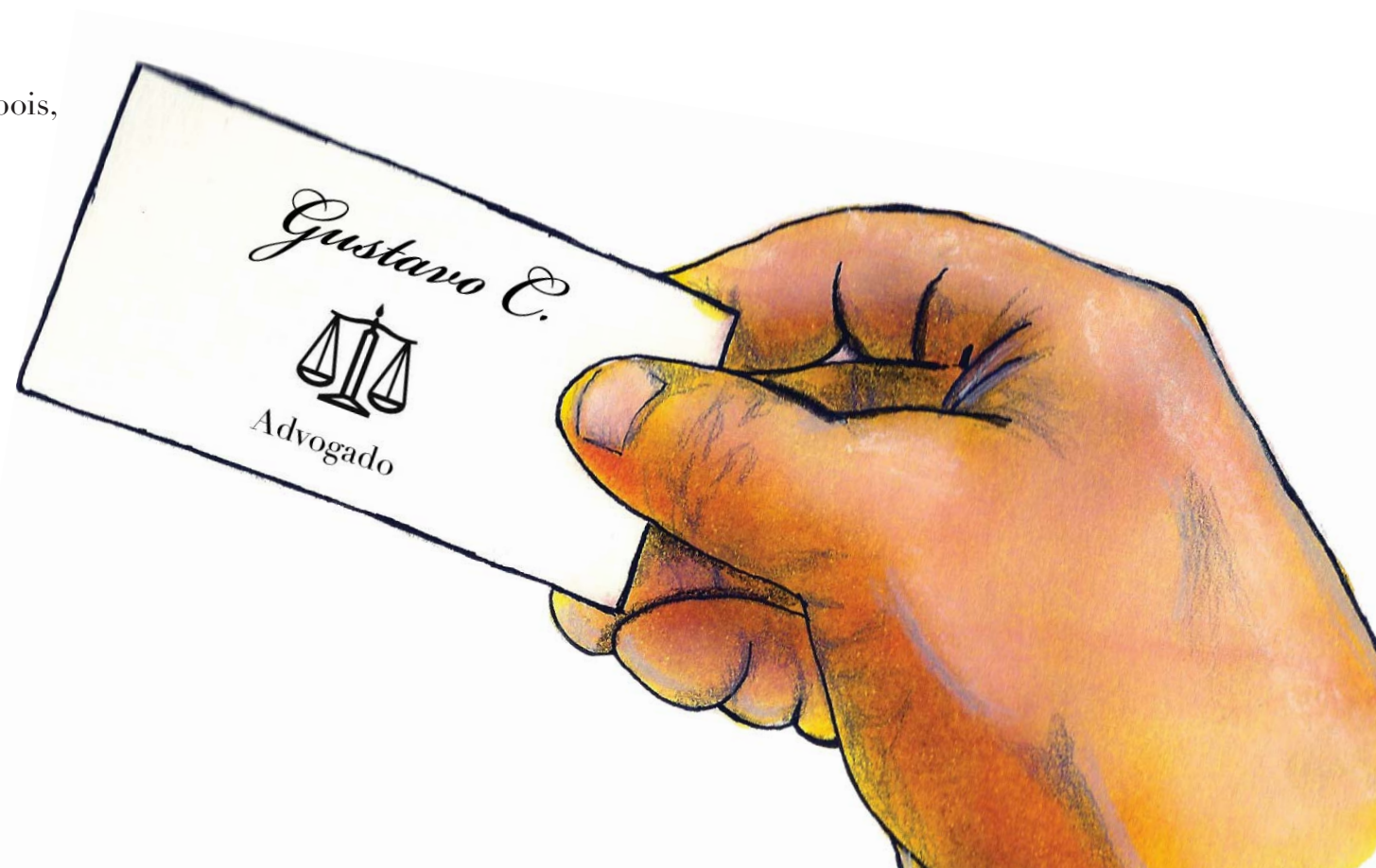
Restitui-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira
algum sinal. "Se houver um nome, uma indicação
qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro,"
pensou ele.

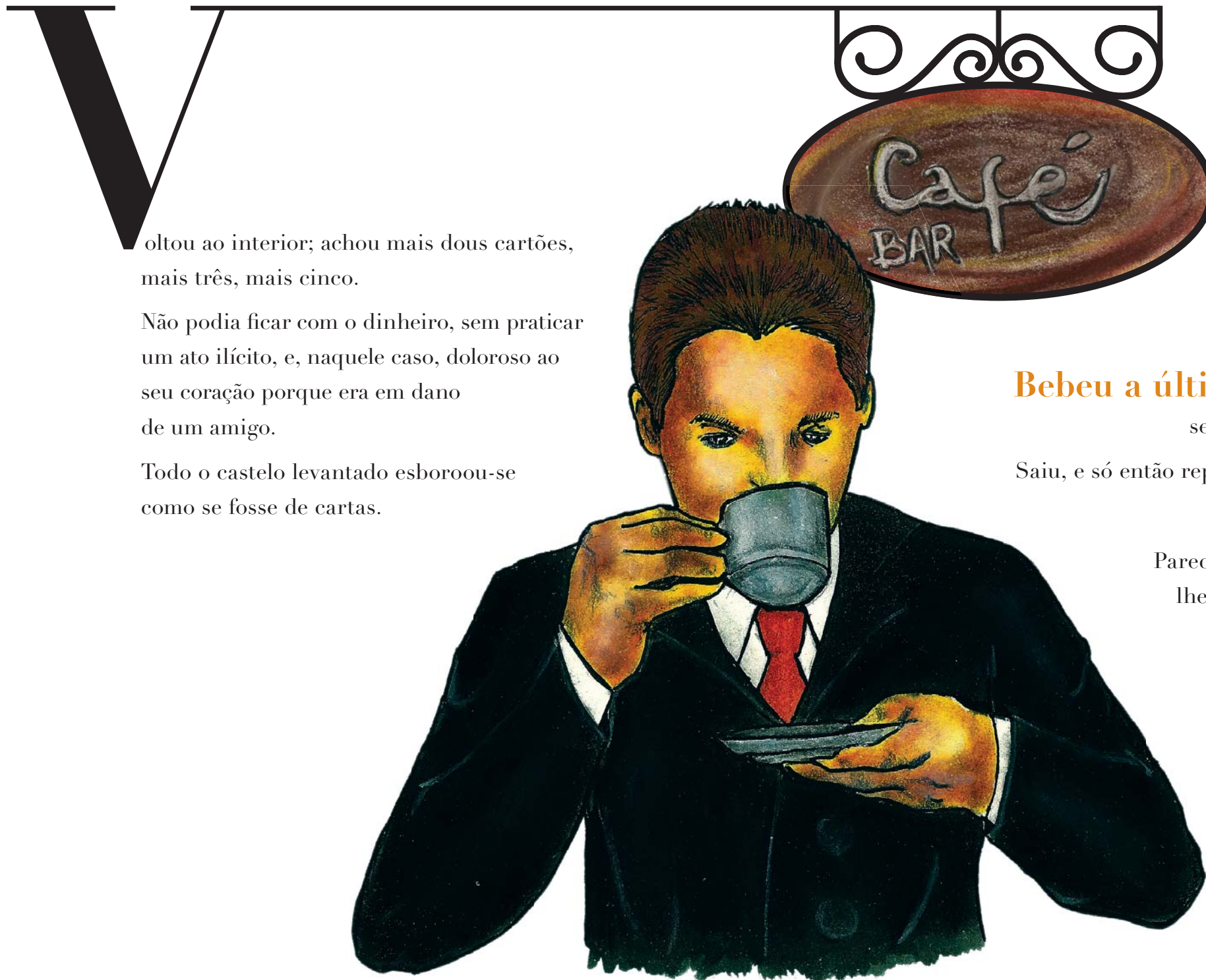
Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas,
que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim

um cartão de visita;

leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?...

Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo.





Voltou ao interior; achou mais dous cartões, mais três, mais cinco.

Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo.

Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas.

Bebeu a última gota de café,
sem reparar que estava frio.

Saiu, e só então reparou que era quase noite.

Caminhou para casa.

Parece que a necessidade ainda
lhe deu uns dous empurrões,
mas ele resistiu.



“Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer.” Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado e a própria D. Amélia o parecia também.

Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma coisa.

-- Nada.

-- Nada?

-- Por quê?

-- Mete a mão no bolso; não te falta nada?

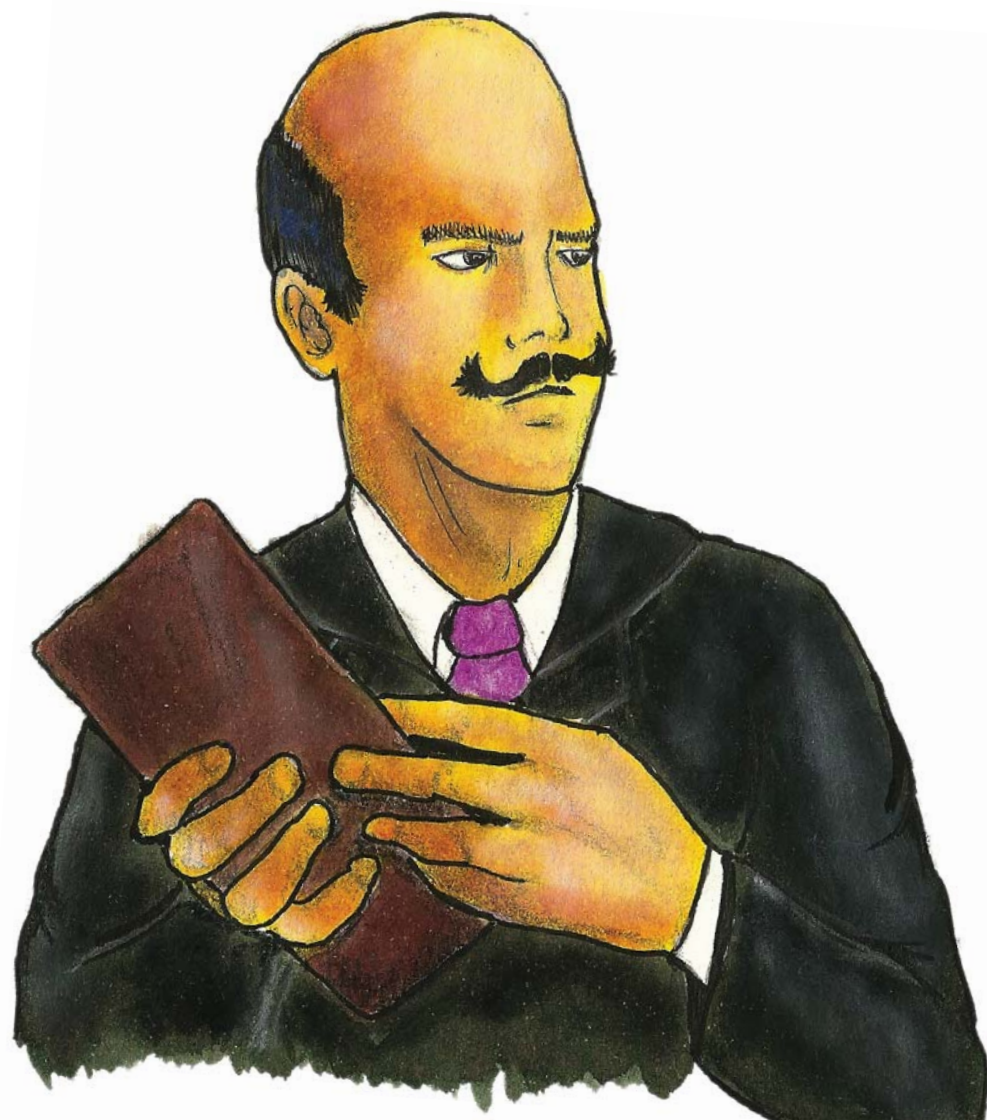
-- Falta-me a carteira, disse o Gustavo

sem meter a mão no bolso.

Sabes se alguém a achou?

-- Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

Gustavo pegou dela precipitadamente, e
olhou desconfiado para o amigo.



**Esse olhar foi para Honório
como um golpe de estilete;**

depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio.

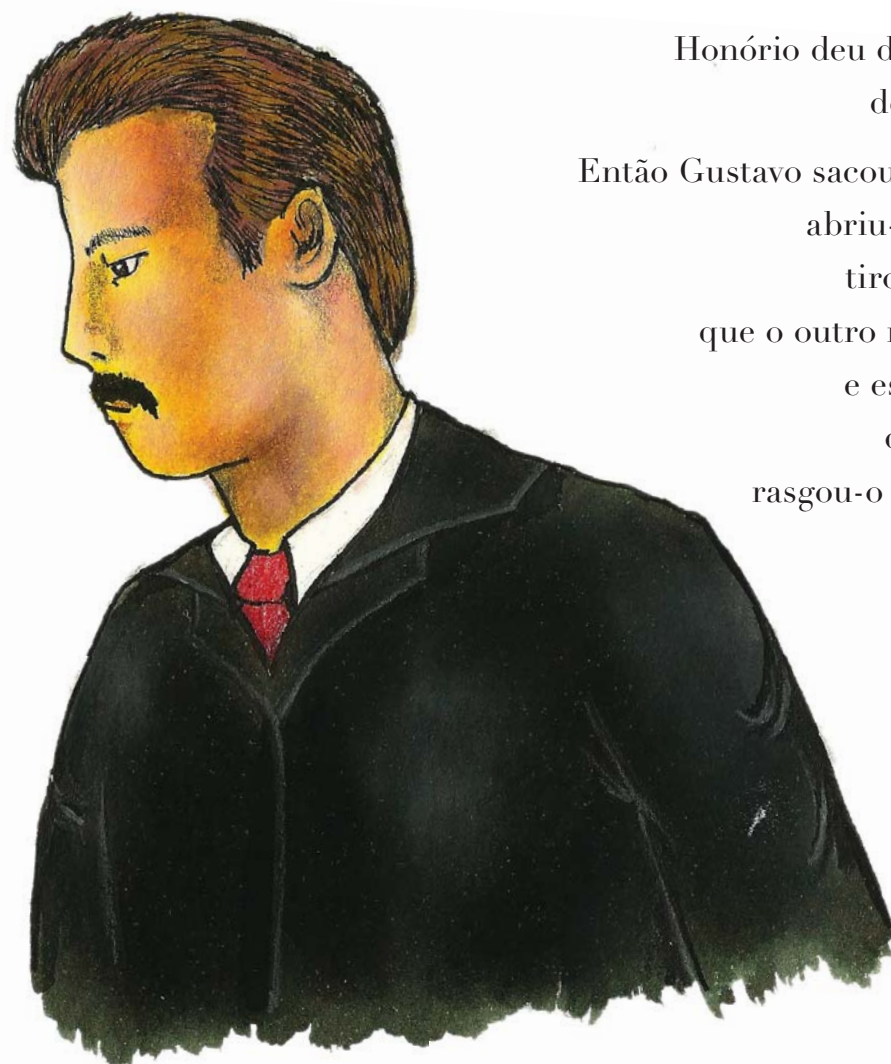
Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse
onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

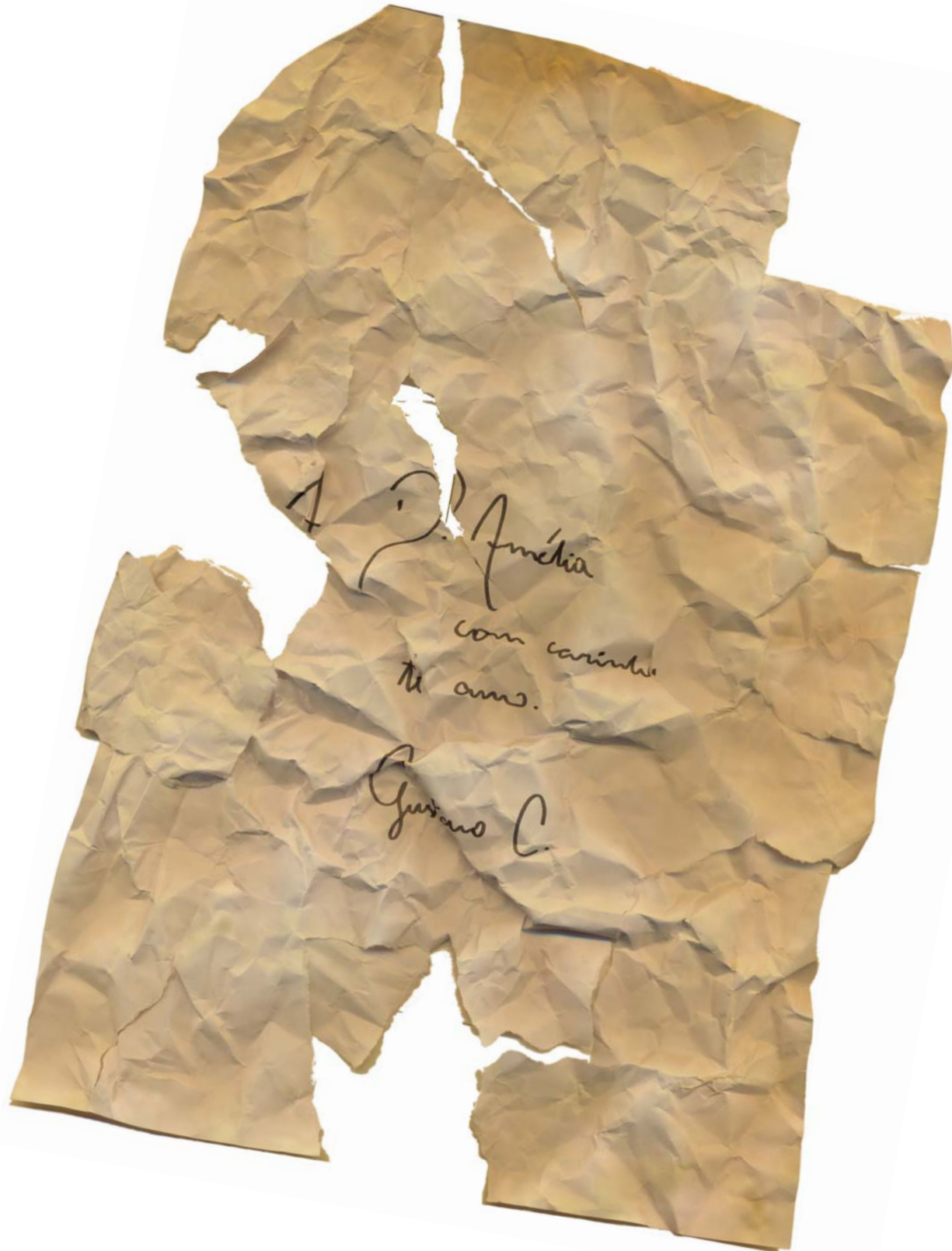
-- Mas conheceste-a?

-- Não; achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar
de toilette para o jantar.

Então Gustavo sacou novamente a carteira,
abriu-a, foi a um dos bolsos,
tirou um dos bilhetinhos,
que o outro não quis abrir nem ler,
e estendeu-o a D. Amélia,
que, ansiosa e trêmula,
rasgou-o em trinta mil pedaços:





era um bilhetinho de amor.





Curiosidades!

As cédulas de 500 Réis usadas neste conto datam do início do século XX, mais precisamente do ano de 1904, quando o Brasil já estava no seu 15º ano de República.

Nas cenas onde o Largo da Carioca é mencionado, a primeira representa, em destaque, o Hospital da Venerável Ordem Terceira da Penitência, demolido na administração do prefeito Pereira Passos. Na cena seguinte, é representado o Chafariz do Largo da Carioca, demolido em 1925 na gestão do prefeito Alaor Prata.

O velho prédio do Largo de São Francisco teve sua construção iniciada em 1811, com o projeto do brigadeiro João Manuel da Silva, para ser sede da Academia Real Militar. Seu prédio original era de dois andares, com o tempo ganhou mais dois. Atualmente, nele funciona o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ.